

# IMPULSO DE ODISSEU



Pelo oceano da minha  
odisseia fui herói e  
demônio... venci um e  
outro.

*Iyá Ben*

# Introdução

Em nosso cotidiano, muitas vezes agimos de forma estranha aos nossos próprios olhos, queremos fazer algo e acabamos por fazer justamente o contrário do que queríamos. Machucamos pessoas que nos amam e nos apaixonamos por pessoas que nos machucam. Gritamos quando o momento pede um diálogo profundo. E nos acovardamos quando pede ira e coragem. Temos motivos para estarmos alegres e ainda assim, entramos no escuro de um quarto fechado e choramos. Parece que nossa mente está invertida.

Esse desequilíbrio entre razão e emoção faz parte de uma saga tão antiga quanto as primeiras memórias do primeiro clarão de consciência da humanidade em nosso mundo. Uma aventura de milênios e ainda assim, uma jornada. Nessa dança entre o bem e o mal, angústia e prazer, cabe a cada um de nós a elevação do verdadeiro Eu.

A epopeia termina quando retornamos para casa, ao lar que se encontra na mais profunda e íntima instância do ser, um lugar a muito abandonado por uma ilusória ânsia de viver. A cortina se fecha, o drama se finda, o silêncio se faz, a felicidade se instaura.

A saga se inicia quando um navio nos transporta pelo oceano de nossa odisseia. Uma força propulsora nos conduz cada vez mais longe: duas sensações percebidas e vivenciadas pela nossa mente e corpo revezam entre si, ora angústia, ora prazer. A esta força eu chamo de Impulso de Odisseu.

O Impulso de Odisseu faz parte da essência da natureza humana e para o entendermos, precisamos deixar claro alguns pontos da saga de Homero – que tomamos por base de nossa explanação. Logo, conhecer essa epopeia é parte obrigatória de quem deseja caminhar comigo.

A personagem principal, Odisseu, é a imagem final daquilo que almejamos ser, a mente que queremos ter. Porém, cada personagem que surge no decorrer de sua aventura representa o reflexo de um Eu, não aceito por si mesmo e que está projetado no Outro – elas são o Eu na face do Outro. Então, Odisseu também é o ciclope, a sereia, a feiticeira, a Deusa Athena, os amigos de viagem e assim por diante.

O navio é o Impulso, o oceano o palco que construímos para o drama, Laertes, Anticleia, Telêmaco e Penelope são o verdadeiro Outro e não aquele que projetamos pelo medo, vergonha e culpa através de nossa egolatria, mas aquele que

acolhemos pela aceitação da grande beleza das diferenças.

Navegue comigo no retorno ao paraíso da ilha Ítaca em uma odisseia onde o sangue deve ser vertido, o ego vencido e a felicidade conquistada, pois entre o porco e o homem a guerra se faz.

*Iyá Ben.*

# Instinto, A Identidade Primitiva

Para falarmos de instinto teremos, irremediavelmente, que recorrer aos aspectos etimológicos desta palavra. A origem da palavra instinto vem do termo latino: *INSTINCTUS*, “instigação”, que é participio passado de *INSTINGUERE*, “incitar, impelir”. Embora o conhecimento da origem da palavra instinto possa começar a trazer alguma luz etimológica à nossa compreensão, essa luz mostra-se ainda

muito tímida ao propósito deste texto, levando-nos a buscar auxílio então em outras fontes.

Consideramos essencial evidenciar ao leitor que a palavra *instinto* vem sendo motivo de divergências no campo do mundo “Psi” desde a tradução dos textos de Freud para o inglês – tradução essa comandada pelo psicanalista inglês James Strachey que conseguiu o feito notável de traduzir as obras completas de Freud. Embora seja tentador, não vamos nos aprofundar nas curiosas circunstâncias da referida tradução. Porém, podemos adiantar que a escolha de tradução que originou a palavra *instinto* fora motivada por questões que iam desde a tentativa de adoção de uma palavra melhor aceita no meio científico da época, até a dificuldade de tradução, por a língua inglesa não dispor de uma palavra correlata ao termo alemão empregado – *Trieb*. Entender esta contextualização histórica auxilia na superação da dissonância semântica

contida nesta palavra, assim, poderemos avançar no nosso estudo.

Apoiados neste solo ainda um tanto arenoso, nos vemos forçados a lançar mão da biologia para encaminharmos o entendimento do termo *instinto* na direção de nosso propósito primevo. Do ponto de vista deste campo de conhecimento, o instinto se apresenta como uma predisposição inata e, portanto, geneticamente determinada, para a realização de certas sequências de ações (comportamentos). Caracterizadas, sobretudo, por uma realização estereotipada, padronizada e predefinida. Falando de outro modo, podemos dizer que, no instinto existe a presença de um imperativo genético que foi fruto da seleção natural de indivíduos mais adaptados a um determinado ambiente, que apresentava certas contingências hostis em que os indivíduos sobreviventes transmitiam geneticamente essas características adaptativas a um certo número de sua prole.

Agora que nosso caminho se mostra mais firme podemos asseverar que o instinto é uma resposta orgânica do indivíduo. Sendo assim, a Identidade Primitiva é regida por duas forças instintuais: de um lado, a busca pelo prazer e do outro a fuga da dor. Tanto a busca pelo prazer quanto a evitação da dor são desdobramentos do instinto primordial que está a serviço da reprodução gâmica, garantindo assim a variabilidade genética, que por sua vez tem um único propósito, a saber, a continuidade das espécies. Sendo assim, tal perpetuação é em última análise o objetivo e o propósito do nosso instinto.

*Alessandro Cunha*

# Cisão, A Identidade Humana

Na Identidade Primitiva não há dicotomia entre razão e emoção e o impulso é simples. Em primeiro lugar a sobrevivência, segundo, a perpetuação da espécie e em terceiro, viver o prazer e fugir da dor.

Dentro dessa realidade não há reflexões sobre o certo e o errado e, portanto, não há culpa. Mas, quando a mente do ser em evolução acorda para o conhecimento do bem e do mal, essa

mente da ambiguidade suscita a vergonha, o medo e a culpa.

Não é uma ambiguidade separada. Apesar dos dois lados estarem em polaridades energéticas contrárias eles se misturam causando desnorreamento. Sendo assim, separar a dor do prazer, a covardia da coragem e até mesmo a vida e a morte é quase impossível... quase.

Sempre que você ansia para melhorar a sua vida, para se tornar uma pessoa melhor para aqueles com quem convive, muitas vezes, inevitavelmente agirá de forma contrária a essa vontade. Na maioria das vezes agirá como um verdadeiro inimigo de si mesmo. Para a maioria das pessoas, essa ação antagônica será inconsciente, para poucas, consciente, e ainda assim uma ação incontrolável. Você lutará para ser feliz, mas quando a felicidade bater à sua porta, não a suportará e fará de tudo para destruí-la.

O ser humano está tão dividido que em um determinado momento de sua jornada sentirá que em você há duas pessoas vivendo em constante guerra.

*Iyá Ben.*

# Consciência, A Identidade Zênite

A Consciência, Identidade Zênite, nos convida a um despertar profundo e transcendente, rumo a uma compreensão mais elevada de nossa existência neste vasto universo.

À medida que nos lembramos de nossa identidade divina, compreendemos que somos muito além de meros seres humanos habitando a Terra – somos seres cósmicos e universais, extraterrestres, de uma essência sublime. Contudo o despertar dessa consciência inicia-se

quando aceitamos nossa condição humana e decidimos fazer nossas escolhas fundamentados na Identidade Zênite.

Esse despertar nos afasta do agir instintivo e impulsivo – que moldou os hominídeos primitivos –, e nos conduz a uma jornada de autoconhecimento e conexão com o Outro. Neste caminho, reconhecemos que cada indivíduo, vegetais, animais e minerais fazem parte de nós mesmos, integrando-se em um todo maior, que transcende as fronteiras do Eu. Ao negarmos o impulso de separação e divisão, rompemos com a violência que permeia a sociedade, originada no desejo humano de se elevar acima de sua própria natureza divina, de ser maior do que Deus.

Assim, a Consciência, Identidade Zênite, nos convida a mergulhar nas profundezas de nossa essência cósmica, a reconhecer a interconexão de todas as formas de existência, e à medida que vamos nos conhecendo, tendo

acesso às nossas várias encarnações. Tendo contato com o esquecimento de nossa identidade elevada e nossas ações animais, encontramos maneiras menos primitivas de nos relacionarmos com a vida.

Essa passagem da condição impulsiva para a Identidade Zênite ocorre de maneira gradativa e tem ritmo próprio em áreas distintas de nossas vidas. Em alguns momentos é necessário conter o instinto e os impulsos até que alcancemos um nível mais elevado para que consigamos fazer escolhas menos nocivas.

Na odisseia por Homero, Odisseu enfrenta uma série de desafios em sua jornada de retorno para casa após a Guerra de Troia. Muitos desses desafios simbolicamente representam dificuldades humanas universais. Faremos um paralelo entre alguns dos desafios de Odisseu e as dificuldades humanas que eles podem representar:

**Ciclope Polifemo:** Odisseu e seus homens ficam presos na caverna do Ciclope Polifemo, que devora alguns deles. Ele precisa usar sua astúcia para enganar o ciclope e escapar. Essa situação pode representar a necessidade de usar a inteligência e a criatividade para superar obstáculos aparentemente insuperáveis na vida real.

**Encantos de Circe:** Circe, uma feiticeira, transforma os homens de Odisseu em porcos. Odisseu precisa resistir aos encantos de Circe e encontrar uma maneira de libertar seus homens. Isso pode simbolizar a luta contra tentações e influências negativas que podem desviar uma pessoa de seu caminho.

**Canto das Sereias:** As Sereias atraem os marinheiros com seu canto doce e sedutor, levando-os à morte. Odisseu, sabendo do perigo, pede para ser amarrado ao mastro do navio para resistir ao canto irresistível. Isso pode representar a necessidade de resistir a tentações

perigosas que podem levar a consequências prejudiciais.

### **Calipso e o desejo de retornar para casa:**

Odisseu é retido na ilha de Calipso, que deseja mantê-lo lá para sempre como seu amante imortal. Odisseu anseia por retornar para casa e para sua esposa Penélope. Esse desafio pode simbolizar o conflito entre desejos pessoais e responsabilidades familiares ou sociais.

**A competição dos pretendentes:** Em Ítaca, Odisseu encontra sua casa invadida por pretendentes que cortejam Penélope e desperdiçam seus bens. Ele precisa criar e executar um plano para derrotar os pretendentes e retomar seu lugar como o líder da casa. Isso pode representar a luta contra adversários ou situações que ameaçam a estabilidade e a harmonia da vida de alguém.

Esses são apenas alguns exemplos dos desafios que Odisseu enfrenta em sua odisseia e das possíveis dificuldades humanas que eles

podem representar. A história de Odisseu continua sendo relevante porque muitos dos desafios e dilemas enfrentados por ele são universais e atemporais, refletindo aspectos da condição humana que ainda ressoam conosco até os dias de hoje.

*Eduardo Aurélio*